



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Audiovisual e Publicidade

Cabeça de Bagre I

Ândrea Maria Rodrigues Malcher de Oliveira Silva – 12/0049384

Orientadora: Prof^ª Érika Bauer

Brasília, Julho de 2017

Ândrea Malcher

Cabeça de Bagre I

Memória do projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social - Audiovisual, sob orientação da professora Érika Bauer.

Brasília, Julho de 2017

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisual e Publicidade

Cabeça de Bagre I

Projeto experimental apresentado à Universidade de Brasília como
requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação
Social – Audiovisual

Banca Examinadora

Professora Érika Bauer (presidente)

Professora Doutora Dácia Ibiapina (membro titular)

Professor Mestre Carlos Henrique Novis (membro titular)

Data: 07/07/2017

Agradecimentos

Agradeço a todos os entrevistados e todos que fazem parte da grande família Mamonas (fãs e entes queridos). A Aleksander Alves, Alberto Hinoto, Júlio César Barbosa, Samuel Reis de Oliveira e Sérgio Reis de Oliveira pela vida plena e alegre que dividiram com o Brasil. A todos os incríveis amigos que fizeram parte da grande jornada. Aos grandes mestres Maria Fernanda Garbero, Glória Soares, Érika Bauer, Marcos Mendes e todos que me ensinaram nestes últimos cinco anos. Ao meu irmão, Kallyo Malcher, que divide sonhos cinematográficos comigo.

O maior agradecimento é aos meus pais, William de Oliveira e a Prof^a Dr^a Nazareth Malcher, que sempre foram uma fonte de amor e compreensão e que, principalmente, foram fonte inesgotável de parceria. Esta unidade que não só apoia mas sonha junto comigo, carrega o fardo deste sonho quando meus ombros são incapazes, ensina todo dia a arte da criação, regozija na criatividade e amor a arte de seus dois filhos, vibra a cada conquista como se fosse sua. A esta fonte de inspiração a minha mais profunda gratidão.

Índice

Lista de Imagens.....	6
Apresentação.....	7
Introdução.....	9
Justificativa.....	12
Objetivos.....	13
Referencial Teórico.....	15
Argumento.....	19
Material de Pesquisa e Filmografia.....	19
Plano de Filmagem.....	23
Cronograma.....	28
Conclusão	29
Filmografia.....	32
Referências Bibliográficas.....	33

Lista de Imagens

Imagem 1.....	7
Imagem 2.....	9
Imagem 3.....	14
Imagem 4.....	14
Imagem 5.....	25
Imagem 6.....	25
Imagem 7.....	31

Apresentação

A proposta deste projeto é contar a história da banda Mamonas Assassinas e mostrar sua importância por meio do olhar dos fãs. A realização deste projeto se faz possível por conta do envolvimento de uma grande fã, Ândrea Malcher, que vem recolhendo material há muitos anos.

Esta ideia se desenvolveu a partir do encontro de fãs e pesquisadores que pudessem contribuir com o projeto. Ao entrar em contato com Jeann Cunha, que faz parte do fã-clubes da banda em Brasília, o Brasília Amarela, e mantém um rico acervo, pude conhecer outros fãs e selecionar pessoas que pudessem contar as experiências de um fã.



Figura 1: Parte do fã-clubes Brasília Amarela junto aos atores do Musical Mamonas (Arquivo Pessoal)

Este projeto buscou três tipos de abordagem. A primeira é mostrar que a banda é atemporal e ainda se mantém viva de várias maneiras: continuam únicos no meio musical, ainda há interesse comercial muito grande, os fãs se relacionam com ela afetivamente. A segunda abordagem é apresentar o olhar destes fãs, que formam praticamente uma família e estão unidos por um amor à banda. A terceira é, a partir desse conjunto de fatores, refletir e contemplar sobre a natureza do que é ser fã de algo ou alguém tanto quanto os fãs dos Mamonas Assassinas são.

Introdução

Ser fã não é uma questão de fanatismo: é uma questão de amor. A natureza do fã é amar com tanta força que o contato pessoal não se faz necessário.

Trago comigo este amor pelos Mamonas Assassinas por terem feito parte de minha vida desde a primeira infância, por ter recebido esta referência cultural e pop de dentro da minha própria família.



Figura 2: Meus primos com as camisetas usadas no show da banda em Belém, PA (Arquivo Pessoal)

A história de Dinho, Júlio, Bento, Sérgio e Samuel acompanhou a minha própria. Quando criança, me chamava atenção a alegria e o espírito inocente, muito próximos ao meu nesta idade.

Com o passar dos anos, meu interesse e admiração amadureceram e comecei a admirá-los em um nível mais íntimo. Resignifiquei esse interesse ao longo de meu crescimento pessoal; para além da identificação com a trajetória e personalidade dos meninos de Guarulhos me tornei uma pesquisadora, mantendo um grande acervo.

Como fã percebo uma lacuna que somente será preenchida pela diretora que existe dentro de mim. Como diretora quero realizar este sonho e esta história.

Os desafios foram muitos durante o processo do documentário e o mais significativo foi a minha limitada experiência. Esse filme foi o primeiro que dirigi. Tive uma vivência positiva em produção e arte durante os anos de graduação, mas nada se compara a ser o maestro da sinfonia que é um filme. Especialmente se este filme é um projeto pessoal e de grande afeição. Apesar de toda a preparação, não me senti pronta para os desafios que viriam pela frente.

Devido ao planejamento que envolve Produção e Arte, tinha uma certa experiência que apliquei a pré-produção, o que me guiou durante os momentos de dificuldade e incertezas. Porém apesar dos problemas enfrentados, o filme foi para a lata, conforme o esperado.

O maior desafio foi a contante mudança na equipe. A duração do projeto foi bastante longa e espaçada, muitos membros da

equipe trabalharam em etapas diferentes, o que dificultou, principalmente, no tempo hábil de um set.

Ao mesmo tempo, esse dificultador trabalhou a favor do filme. Eu gosto muito da natureza colaborativa do cinema. Gosto da idéia de que em uma equipe muitas cabeças pensam juntas, contribuem com diferentes ideias. A troca é o que enriquece o produto final. O tempo hábil sofria, mas, como a equipe do processo inteiro vivenciou muito comigo a experiência do filme, todos deixaram marcas muito positivas.

O filme, como eu tentei deixar bem claro ao longo desta Memória, foi um produto de muito trabalho, criação e amor. E o melhor é que ele foi idealizado por mim e foi criado conjuntamente com a equipe, entrevistados, circunstâncias e obstáculos. Está longe de ser o epílogo perfeito. Mas é o que representa meus anos passados como estudante de Cinema, acima de qualquer coisa, é um resgate de quem eu era ao entrar na faculdade e é tudo que eu aprendi e sou hoje.

Justificativa

A proposta principal do documentário é mostrar uma parte pouco exposta, no entanto fundamental, da história mamônica. Os fãs tornaram o disco de estreia o mais vendido em um único dia, recorde até hoje. Foram 25 mil cópias nas 12 horas seguintes à execução de Vira-Vira, single de estréia lançado em agosto de 1995, e 50 mil cópias eram vendidas diariamente. Chegaram a vender 100 mil cópias por dia, e alcançaram a marca de 3 milhões em apenas 8 meses. Atualmente é o nono álbum mais vendido da história fonográfica brasileira.

Esses números impressionantes são consequência do amor dos fãs, amor este que é vivido até hoje, que continua tão presente em suas vidas e é passado de pais para filhos. Esse amor é coletivo, pois são amigos entre si, mantendo uma proximidade bastante íntima, muitas vezes sem se conhecer pessoalmente, é uma comunidade única.

Este documentário é, na verdade, uma homenagem aos fãs que fazem parte da família Mamonas tanto quanto a equipe que os acompanhavam, os amigos e entes queridos.

Objetivos

A principal intenção do documentário e desta Memória é observar e refletir sobre o que é ser fã, a partir do grupo de entrevistados.

A grande diferença entre o fã "da época" e o fã atual e como eles se relacionam com a banda me permitiu a possível análise de que não se tem mais esse fanatismo da maneira expressada pelos fãs em 1996, ou que após um determinado momento da vida (variável de pessoa a pessoa) não existe mais este tipo de laço com artistas ou obras.

A influência de um artista ou obra na trajetória pessoal de um indivíduo foi algo analisado também. Novamente, não há um padrão entre os entrevistados, no entanto foi possível observar esse impacto em entrevistados como a Lyanna Soares.

Correlato com a principal intenção previamente apontada, o contemplar da inocência e pureza que envolve o fã foi um ponto muito importante. Principalmente pelo subtema deste documentário (os Mamonas) suscitar memórias e sensações da infância. Todos os entrevistados mencionaram suas infâncias e, antes mesmo de expor suas visões frente aos meus questionamentos, percepções que tinham enquanto crianças.

O resgate deste espírito infantil, junto ao processo de ser fã, e o que envolve isto, pautou o planejamento do filme. Esses objetivos me guiaram na busca de uma contemplação, muito mais do que um esclarecimento, da questão inicial: o que é ser fã?



Figura 3: Público do show da banda em Salvador, BA em 23 de Dezembro de 1995 (Foto: Edson Ruiz/ Arquivo CORREIO 24 HORAS)



Figura 4: Fãs se aglomeram em frente ao IML (Instituto Médico Legal) de São Paulo, para onde os corpos dos integrantes foram levados após o acidente aéreo (Foto: Fabiano Accorsi/Folhapress)

Referencial Teórico

O recorte deste documentário é a análise identitária do fã (como alguém se envolve com um artista ou obra? como isso molda sua identidade? como isso influenciou as mudanças desta identidade?) usando os Mamonas Assassinas como o contextual, o pano de fundo.

A formação da identidade de um indivíduo passa pelas referências e significados que possuem, além das experiências que vive. Buscamos em nossa cultura aquilo que sentimos que, de alguma forma, nos representa. Segundo Bauman (2005, p. 17),

tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’.

(BAUMAN, “Identidade”, 2005)

Logo, é possível afirmar que a identidade é mutável, pois ao longo da vida diferentes estímulos, referências e experiências

ocorrem e moldam como nos percebemos enquanto ser.

A identidade está relacionada às heranças sociais, culturais e definições anteriores ao sujeito. Há as comunidades de nascimento e as comunidades de destino formadas por ideias, costumes, escolhas culturais, estéticas, entre outras. As identidades se formam pela vivência e a constatação dessa identidade ocorre porque ainda vigora o sentimento de pertencimento. No entanto, conforme as pessoas são expostas a muitas e diferentes comunidades de destino e passam a refletir sobre esse fato, a definição de identidades torna-se problemática.

A discussão sobre a identidade, segundo Bauman (2005), é produtiva e necessária, porém, muitas vezes, equivocada quando se tenta encontrar respostas definitivas. A identidade é tema intangível na modernidade líquida, porque até mesmo identidades aparentemente sólidas, como raça e classe social, são questionadas. As identidades fixas de antes, plenamente definidas, e desprovidas de ambiguidade, parecem não mais funcionar e passamos a buscar "identidades em movimento – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo." (BAUMAN, 2005, p. 32).

Essa busca recorrente pela identidade fixa leva, ironicamente, a movimentação da busca do que é essência. Dentro da análise deste filme, percebe-se como o consumo do fenômeno Mamonas Assassinas pautou a geração que a vivenciou.

Na modernidade líquida a identidade está calcada no papel consumidor que a pessoa é capaz de exercer. As pessoas escolhem, num leque de amplas opções, as identidades mais ou menos convenientes a cada momento. Da mesma forma que adquirem produtos, lugares e experiências, constroem para si novas e fugidias identidades que, ao se mostrarem obsoletas, são rapidamente substituídas por outras ainda mais atuais. Assim como roupas, carros e destinos, identidades entram e saem de moda. (BAUMAN, 2005, p. 44).

Assim, um ponto de reflexão é observar como as relações de fãs se estabelecem em determinado ponto da vida de um indivíduo (o "quando" é relativo de pessoa para pessoa) e como este indivíduo deixa de estabelecer esse tipo de relação com os estímulos a partir de determinado ponto de sua vida.

Porém, primeiramente, o que é o processo de se tornar fã?

Para Sodré (1973, p. 60), o que os audiovisuais favorecem, mais do que os meios escritos ou sonoros, são os processos de projeção (o receptor desloca suas pulsões para os personagens do vídeo), identificação (o receptor torna-se inconscientemente idêntico a um personagem no qual vê qualidades que gostaria ou julga que lhe pertenciam) e empatia (conhecimento que o receptor tem do comunicador, colocando-se mentalmente em seu lugar).

O aspecto em comum dos entrevistados para este documentário são as impressões da banda Mamonas Assassinas. As brincadeiras das músicas e de seu porte em palco ou na televisão, as

roupas e cabelos chamativos e as letras engraçadas e tabus (considerando a etapa da infância), comportamentos, vocabulários e vestimenta normativa da fase, deu aos entrevistados um senso de libertação. Ao projetar-se na imagem que a banda trazia, vivenciavam aquilo que lhes era proibido.

O consumo destes estímulos molda a identidade que apresentamos, mesmo que esteja em constante metamorfose. Ao consumir existimos, consumindo imagens, bens econômicos, culturais e simbólicos. Silverstone (2002, p. 150) diz que o consumo não pode ser considerado simplesmente como supérfluo, como prática individual e periférica na organização social. Para este autor, é uma exteriorização de identidade, e a mídia exerce um papel fundamental nesse processo. Consumimos pela mídia. Aprendemos como e o que consumir pela mídia. Somos persuadidos a consumir pela mídia. Consumimos objetos. Consumimos bens. Consumimos informação. Mas, nesse consumo, em sua trivialidade cultura, mídias e identidades na Pós-modernidade cotidiana, construímos nossos próprios significados, negociamos nossos valores e, ao fazê-lo, tornamos nosso mundo significativo (SILVERSTONE, 2002, p. 150).

Assim, esse documentário buscou analisar as interações entre fãs (de diferentes graus de envolvimento) e seus ídolos, no presente caso a banda Mamonas Assassinas.

Argumento

Este documentário tem como proposta narrar a história do fenômeno Mamonas Assassinas por meio da visão dos fãs, aproveitando suas memórias e impressões pessoais.

Material de Pesquisa e Filmografia

O documentário baseia-se nas histórias dos personagens entrevistados e suas memórias e sentimentos, no intuito de reflexão sobre a essência dos sentimentos e experiências entre o fã e o artista e obra. Tem-se como ponto de partida a minha própria pesquisa: registros televisivos (participações de programa de auditório, entrevistas, apresentações), de áudio (entrevistas), documentais (jornais, revistas, páginas da internet, livros, cartas) e entrevistas com personagens secundários da história (familiares, amigos, namoradas,

empresários, membros antigos da banda). As principais referências documentais da banda, em ordem de importância, são:

- MTV na Estrada – Mamonas Assassinas, 1996
Programa da MTV brasileira que documentou a vida da banda em turnê.
Direção: Renato Lima
Duração: 36min
- Mamonas Para Sempre, 2011
Direção: Cláudio Khans
Duração: 84min
- Por Toda Minha Vida – Mamonas Assassinas, 2008
Programa da emissora Globo que mescla documentário e ficção, contando a trajetória da banda.
Direção: José Luiz Villamarim
Duração: 58min

Visualmente, alguns documentários brasileiros servem como fonte de inspiração e análise estrutural de documentário para este filme:

- Titãs – A Vida Até Parece uma Festa, 2008
Direção: Branco Melo, Oscar Rodrigues Alves
Duração: 100min
- Rock Brasília – Era de Ouro, 2011
Direção: Vladimir Carvalho
Duração: 111min

- Este é só o começo do fim da nossa vida, 2015
Direção: Maria Ribeiro
Duração: 80min
- Este é só o começo do fim da nossa vida – Making of, 2015
Direção: Maria Ribeiro
Duração: 23min

Os documentários “musicais” serviram como base para análise partindo do fato de se tratar da banda Mamonas Assassinas. Todos os filmes citados possuem maneiras distintas no tratamento da linguagem cinematográfica, no entanto, tem em comum o aspecto narrativo da “banda na estrada” que se espera deste estilo, logo, o público é parte conjunta das imagens e são o respaldo emotivo de suas narrativas. No documentário “Rock Brasília”, através da análise da “Religião Urbana” e a recepção de público da cena brasiliense no amplo cenário nacional, e no Making Of do documentário “Este é só o começo do fim de nossas vidas” (e o filme original em si), que foi dirigido por uma fã da banda Los Hermanos (a atriz Maria Ribeiro) e que possui o fanatismo de seu público como contextual dos shows da banda.

Dentro do tema identidade, que é o aspecto suscitado quando pensamos no tema central deste projeto, utilizei como referência:

- Santiago, 2007
Direção: João Moreira Salles
Duração: 80 min

- Dzi Croquettes, 2009

Direção: Tatiana Issa & Raphael Alvarez Duração: 110 min

Ambos os filmes tratam de temáticas distintas ao central deste projeto. Porém, foi fundamental para a minha própria reflexão sobre a identidade transposta por uma obra ou artista, e como essas manifestações nos representam (ou apresentam) no mundo. No filme “Santiago” em particular, a íntima relação de identidade e memória (ou no caso do personagem em questão, a identidade e memória, as impressões a partir da visão e direção de Moreira Salles). E no “Dzi Croquettes” o visual e teatral que me auxiliou não só devido aos conceitos já citados, como também ser um registro do absurdamente visual e icônico legado artístico, que é observado nos Mamonas e não deixa de ser parte da composição que causou algum nível de conexão com seu público (a teatralidade deles expressa em roupas, cabelos e acessórios chamativos que dialogavam com suas músicas e postura “engraçada”).

Plano de Filmagem

A pré-produção se desenvolveu, após extensa pesquisa acerca da banda, a partir de Agosto de 2015. Apesar de todo o planejamento, o filme passou por diversas reestruturações de acordo com o decorrer do processo de filmagem, principalmente da

equipe. No entanto, Caio Fonseca foi meu assistente de direção e co-diretor de fotografia junto com Letícia Nunes, durante quase todo o processo.

As filmagens começaram em Novembro de 2015 com o entrevistado Mário César Brito Rocha. Para todas as entrevistas foram estabelecidas as mesmas perguntas, porém cada entrevista continha a sua particularidade, então o conteúdo não se limitou aos questionamentos iniciais. Foram elas:

- 1) Como você contaria a história dos Mamonas Assassinas?
- 2) Você acredita que eles ainda sejam importantes? Por quê?
- 3) Como foi seu primeiro contato com a banda?
- 4) Teve a oportunidade de ir a algum show?
- 5) Com qual integrante mais se identifica? Por quê?
- 6) O que diria para outros fãs?
- 7) O que diria para a banda?

As entrevistas foram conduzidas sempre utilizando as perguntas como um direcionamento geral. Observei que esses questionamentos me permitiam “retirar” outras informações. Minha maior preocupação nos primeiros estágios da pré-produção era exatamente como guiar os entrevistados em direção a falas proveitosas para o filme. Percebi logo na primeira entrevista que a aproximação do entrevistado deveria ser guiada pelas perguntas e que a abertura para o inesperado viria através do conforto entre eu,

a diretora, e o entrevistado. Então antes de me debruçar sobre o tema do filme sempre começava as entrevistas conversando acerca do entrevistado, buscando sempre seu conforto frente às câmeras e a presença de toda a equipe.

A seleção dos entrevistados ocorreu através de uma pesquisa dentro da fanpage do fã clube Brasília Amarela, com o auxílio de Jeann Cunha, membro do fã clube e vocalista da banda cover de mesmo nome. O único pré-requisito era gostar da banda. Pouco importava a idade ou nível de envolvimento, o lugar comum para todos era gostar de Mamonas Assassinas (já que foram escolhidos através do fã clube).

Para maior dinamismo, sempre filmávamos com três câmeras, e seus posicionamentos variavam de acordo com as locações. Entre externas e internas, usávamos luz natural, portanto quase todo material foi filmado durante o dia.

As locações eram escolhidas pelos entrevistados, assim eles também construíram ativamente filme. A razão foi "simples": a escolha de locação dizia muito sobre o entrevistado e ajudava a tranquiliza-lo e relaxá-lo.



Figura 5: Preparação para a gravação da entrevista da Denise e Amanda



Figura 6: Lyanna Soares

Todo esse processo se mostrou bem sucedido na entrevistada Lyanna Soares. Ela é uma grande fã desde 1995, tendo visitado Guarulhos e conhecido as famílias após o acidente aéreo que vitimizou os rapazes, e na sua entrevista escolheu seu estúdio (ela é fotógrafa). Ao chegar no local a equipe foi surpreendida pela riqueza de seu acervo. Sua entrevista foi a mais pessoal e emotiva de todas. Não foi a melhor, tecnicamente falando, mas foi com certeza a mais

tocante de todas e a que melhor transmite a imagem de um clássico fã: apaixonado.

Acompanhei também alguns shows da banda Brasília Amarela. Dois deles foram selecionados para o filme: o show do dia 02 de março de 2016, na ocasião de 20 anos do falecimento dos Mamonas e o do dia 24 de junho de 2016, que teve a presença do Ralado, amigo do Dinho e integrante da equipe da turnê original.

Ao todo foram seis entrevistas, e o processo de captação de imagem e som se encerrou em Novembro de 2016.

Escolhi trabalhar com mais de uma câmera para que eu pudesse ter uma melhor fluidez durante a montagem. Os planos variavam, mas sempre buscávamos ter um plano aberto, e um plano fechado. Em algumas entrevistas montamos um plano médio, em especial nas externas.

A estrutura do filme é basicamente dividida em:

1- Entrevistas iniciais

Os fãs selecionados foram registrados dando suas impressões e sensações sobre a banda, a época e como veem todo esse legado (ou não) 20 anos após o fim abrupto de um dos maiores fenômenos da indústria fonográfica brasileira.

2- Show

Com o apoio de Jeann Cunha, acompanhamos apresentações e pudemos registrar a reação calorosa ainda presente nos dias de hoje. Como o repertório, restrito a somente um álbum, ainda traz a diversão das suas piadas e brincadeiras e,

principalmente, como há certo saudosismo atrelado aos Mamonas Assassinas para a maioria das pessoas.

3- Epílogo

As últimas entrevistas e o próprio desfecho da realizadora, questões finais.

A montagem foi feita a partir do corte ideal do documentário. Não nos levamos para aspectos de direitos autorais, por exemplo. O corte ideal respeitou aquilo que era a visão do filme, e o âmbito de criação entre eu, a realizadora, e Helena Sarmiento, a montadora.

Na montagem foi utilizado acervo dos próprios membros da banda refletindo sobre sua história, fãs, sucesso súbito, entre outros assuntos que compuseram o grande fenômeno que foram os Mamonas Assassinas.

Cronograma

A pré-produção deste documentário ocorreu nos meses de Agosto, Setembro e Outubro de 2015.

Durante esse tempo, junto ao meu assistente de direção Caio Fonseca, planejamos a produção começando pelo orçamento, que foi baseada no plano de filmagem que tinha, contendo as pretensões de conteúdo que eu possuía, as perguntas-base e a direção que eu queria que o filme tivesse. Sempre trabalhamos com a existência do inesperado e impossível de planejar até o último detalhe. Utilizei os parâmetros básicos da pré-produção de ficção para me aproximar de um gênero que não era do meu conhecimento prático: documentário. Nesses dois meses trabalhamos em cima não só do plano de filmagens e orçamento, mas tentamos traçar um cronograma geral a partir da seleção de entrevistados e da formação da equipe.

Em Novembro a produção tirou os pés do chão, captando material e entrevistas.

Conclusão

Este filme me mostrou como ser fã é um processo pessoal e particular de cada indivíduo. Como futura cineasta, foi uma observação no impacto de uma produção em alguém. Cada entrevista trouxe pérolas inestimáveis em suas falas. A conexão que determinados fãs tem com os Mamonas Assassinas é absurda em sua complexidade, e este filme abre espaço para questionamentos e análises de diversos fãs e suas paixões (não só dos Mamonas, mas de outros artistas, outros produtos audiovisuais e artísticos).

Durante todo o processo dizia que este filme é feito por um fã para outros fãs. E acredito ter resgatado e refletido a minha essência de fã e, principalmente, de criança que cresceu vivenciando tudo isso. Espero que este filme tenha cumprido a minha vontade. Para além da análise acadêmica do fã, existe a vivencia de amar algo ou alguém, e isto formar quem você é e apresenta para o mundo, mesmo que essa identidade não dure para sempre.

Algo que pude concluir em mim e nos entrevistados, é que ser fã não é algo que persiste conforme amadurecemos. Obviamente aquele momento e as experiências, permanecem, no entanto, após (normalmente) a infância e adolescência, não sentimos mais aquela necessidade de antes de saber tudo que determinado artista faz, comprar revistas em que ela ou ele esteja. Mas ainda acredito que

somos fãs, diferente de como vivíamos isso antes, mas ainda assim fãs.

Cada entrevistado teve uma relação muito particular com a banda. É claro que se tivesse uma amostra maior de entrevistados, de vários lugares do Brasil, várias idades e classes sociais, talvez tivesse mais base para tirar conclusões. No entanto, minha experiência com esse filme me dá o palpite de que, de fato, cada pessoa que eu entrevistar acerca deste tema, com essa mesma metodologia, para o mesmo fim, ainda assim, teria mil e uma experiências diferentes.

Cabeça de Bagre I é um título referencial a banda Mamonas Assassinas (Cabeça de Bagre II é uma música no único álbum da banda) e que fala de assuntos muito presentes na nossa realidade brasileira, no tom do deboche claramente, mas que toca na relevância dessa banda. Apesar de não ser o foco direto, creio que a história impressionante de superação dos cinco meninos de Gurarulhos é o maior responsável por estes fãs tão apaixonados. Essa vontade de lutar pelo seu lugar ao sol.

Eles estiveram presentes simbolicamente durante minha infância, pré-adolescência e adolescência, e é impossível não me deixar levar por esta história de superação. Este é o primeiro filme que partiu da minha cabeça para a vida real, e isso me assustou muito no princípio. Nunca tinha exercido nenhuma posição de

liderança e, boa parte da minha experiência com produção de curtas, tinha sido negativa.

Porém, a produção deste documentário, repleta de obstáculos e dificuldades, me deu muito ânimo e inspiração para continuar e terminar. Acredito no material e no seu poder de entreter aqueles que o assistirem.

Talvez este desabafo não tenha espaço na escrita acadêmica, porém minha maior conclusão deste processo, e a mais piegas também, é que realmente o primeiro passo para algo dar certo é acreditar na sua capacidade de fazê-lo. Focar no trabalho que isso exige o próximo passo. Minha pós-produção, como todo o processo, foi tortuosa e, em quase todos os momentos dessa pós, eu quis deixar esse filme de lado e fazer outra coisa. No entanto, a vida nos preenche daquilo que precisamos, e muitas vezes não do que queremos, e deixar ele seria como deixar um filho no primeiro choro da criança. Não o apresento finalizado, pois estar com ele na montagem e edição me trouxe ideias e direções que inicialmente eu não tinha.

Enfim, fazer esse filme foi um dos desafios da jornada do herói, foi meu momento de dúvida, de caos, mas também foi provincial no meu crescimento pessoal e artístico.



Figura 7: Último show em Brasília, em 02 de Março de 1996 (Foto: Tina Coelho/CB Press)

Filmografia

CROQUETTES, Dzi, 2009. Direção: Tatiana Issa e Raphael Alvarez. Canal Brasil e TRIA Productions. Rio de Janeiro – RJ. 110 min

MAKING OF, Este é só o começo do fim da nossa vida, 2015. Direção: Maria Ribeiro. Rinoceronte Produções, Sony Music e GNT. Rio de Janeiro – RJ. 23 min.

MAMONAS, Para Sempre. Direção: Cláudio Khans. Tatu Filmes. São Paulo – SP. 84 min.

MAMONAS ASSASSINAS, Por Toda Minha Vida, 2008.

Direção: José Luiz Villamarim. Globo. Rio de Janeiro – RJ. 58 min.

NA Estrada, MTV. Direção: Renato Lima. MTV Brasil. São Paulo – SP, 1996. 36 min

ROCK BRASÍLIA, Era de Ouro, 2011. Direção: Vladimir Carvalho. Canal Brasil, Ligocki-Z Entretenimento e Vertovisão Filmes. Brasília – DF. 111 min.

SANTIAGO, 2007. Direção: João Moreira Salles. Videofilmes Produções Artísticas Ltda. Rio de Janeiro – RJ. 80 min.

TITÃS, A Vida Até Parece uma Festa, 2008. Direção: Branco Melo e Oscar Rodrigues Alves. Academia de Filmes e Casa Cinco. São Paulo – SP. 111 min.

VIDA, Este é só o começo do fim da nossa, 2015. Direção: Maria Ribeiro. Rinoceronte Produções, Sony Music e GNT. Rio de Janeiro – RJ. 80 min

Referências

Bibliográficas

BARTHES, R. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongiorno; Pedro de Souza e Rejane Janowitz. São Paulo: Difel, 2006b.

BAUMAN, Z.. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAZIN, André. **O cinema, ensaios**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10. ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2005.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A linguagem secreta do cinema**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1995.

_____, BONITZER, Pascal. **Prática do roteiro cinematográfico**. São Paulo: JSN Editora, 1996.

CHION, Michel. **O Roteiro de Cinema**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

DA-RIN, Silvio. **O espelho partido: tradição e transformação do documentário**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.

EISENSTEIN, Sergei. **O sentido do filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

_____. **A forma do filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

FIELD, Syd. **Manual do roteiro**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1995.

LABAKI, Amir. **Introdução ao documentário brasileiro**. São Paulo: Editora Francis, 2006.

_____. ***É tudo verdade; reflexões sobre a cultura do documentário***. São Paulo: Editora Francis, 2005.

MAMET, David. ***Sobre direção de cinema***. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MARTIN, Marcel. ***A linguagem cinematográfica***. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

MCLUHAN, M. ***Os Meios de comunicação como extensões do homem***. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995

METZ, Christian. ***A significação no cinema***. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

SILVERSTONE. R. ***Por que estudar a mídia?*** São Paulo: Loyola, 2002

SOARES, S. ***Documentário e Roteiro de Cinema; da pré-produção à pós-produção***. Campinas, 2007

SODRÉ, M. ***A Comunicação do grotesco***. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

XAVIER, Ismail. ***O discurso cinematográfico***. São Paulo: Paz e Terra, 1984.